

Os Heróis de DALRAG A Santa Água de Bringth

Livro 1: O Labirinto de Laipem

Capítulo 1 – Uma paz que não perdurará.

Era uma manhã fria de Primavera e a jovem elfa *Nitia-Gandriel* acordava preguiçosamente. Estava em paz, despertando em berço esplêndido sobre os galhos de uma frondosa castanheira, ouvindo o piar dos pássaros que saudavam o novo dia e curiosos esquilos, que pulavam felizmente a procura de alimentos na copa. A elfa estava feliz, pois a muito não se metia em “aventuras” com seus companheiros de Bringth. Era assim que eles gostavam de chamar: aventuras. A ela mais parecia suicídio, ou no mínimo irresponsabilidade de um grupo de jovens humanos em busca de emoção e recompensas.

__Mercenários, não! Aventureiros! – disse a si mesma, tentando minimizar as próprias críticas. De fato, seus amigos preferiam emoções fortes a tesouros e recompensas. – Irresponsabilidade! – disse a si mesma. – Irresponsabilidade... – repetiu em tom baixo e decidido enquanto descia os galhos das árvores. Apesar da preguiça matinal o fez com habilidade e elegância, como que percorrendo os degraus de um palácio. Como muitos de sua raça a prática foi adquirida após longos anos vivendo em florestas. Apesar de idosa para os padrões humanos, aos 112 anos era ainda uma elfa jovial de grande beleza e elegância. Sua altura a destacava dos demais elfos, possuía 1.75 metros, pele clara e lisa, corpo esbelto, traços finos, orelhas pontudas e um cabelo liso e escuro. Não era a mais bela entre as elfas, mas também não possuía grandes vaidades. Naquele momento, seu olhar transmitia calma, tranquilidade e o prazer retratados por uma druidisa que acordava após um prazeroso sono na copa de uma árvore.

O dia nascia em um belo alvorecer, tão belo que Nitia desejou cantar e assim o fez, em sua bela língua nativa. Já no chão amarrou seus longos cabelos e procurou em sua mochila por algo para fazer o desjejum. Havia pães élficos frescos que comeu prazerosamente, enquanto caminhava em direção à Bringth, capital do condado. A cidade

não estava distante, talvez dois ou três quilômetros. Era possível avistá-la no horizonte. Com o arco e aljava de flechas pendurados nas costas, levando um machado de batalha em sua mão direita e um pequeno broquel no braço esquerdo, caminhou em direção à muralha da cidade, vestindo uma armadura de couro rígido e um peitoral de metal protegendo seu torso. Apesar de estar em uma região que há poucos anos chamava de casa, não era sensato andar sozinha em local descampado sem portar armas e armadura.

No caminho, contemplava aliviada seu machado e broquel, pois não os via sujo de sangue há muito tempo. Ambos foram muito bem forjados por anões que viviam em Bringth. – Anões em Bringth... – pensou de forma tão veemente que as palavras quase escaparam por sua boca. O pensamento era triste, pois trouxe à lembrança os acontecimentos dos últimos anos. Katzir, nome dado ao mundo conhecido, deixou de ser um local pacífico e tranqüilo registrado nas antigas escrituras. Nem mesmo em Dalrag, condado no extremo sul de Katzir, vivia-se uma paz em plenitude. Mesmo estando longe das hordas de orcs e ogros que vinham do Norte, a região encontrava-se instável desde o conflito de Suineg com o conselho do condado. Ainda não era nascida quando Suineg fora aprisionado e cresceu testemunhando o aumento da instabilidade, ela vivia no Reino élfico de Elista, quando ocorreu a tragédia com os anões de Laipem.

_Faz cem anos – ela pensou. – Pouco mais de 100 anos. – exclamou para si mesma. Nem mesmo ela podia negar que não se encontrava mais na puberdade. A idade que um elfo pode alcançar sempre foi um mistério aos humanos e não há conhecimento de um que tenha morrido de velhice. Morriam sempre em batalhas, defendendo seus territórios, amigos e florestas, mas nunca velhos e fracos como os humanos e anões. A velhice dos elfos não se exprime no corpo. Aqueles que morreram de causas naturais, pereceram pela tristeza de perder todos os de sua geração. Apesar de envelhecerem lentamente, os elfos medrando suas capacidades físicas e mentais quase tão rapidamente quanto os humanos. No entanto, somente são considerados adultos após alcançarem seu primeiro centenário de vida. Antes disso, vivem com seus pais, desenvolvendo seus dons naturais, em florestas e bosques. Esse longo tempo de maturação conferia a maioria dos elfos, assim como à Nitia-Gandriel, uma paciência e sabedoria pouco compreendida pelos humanos e um profundo amor pela natureza e por aquilo que dela nascia. Com Nitia-Gandriel não foi diferente,

passou sua infância na Floresta Virgem, no Reino élfico de Elista, onde aprendeu o modo de vida dos druidas, que amam e respeitam a natureza acima de tudo.

Nítia não era uma aventureira comum, lutava apenas quando necessário e não procurava grandes riquezas ou fama. Após completar seu primeiro centenário mudou-se para Dalrag com o objetivo proteger a Mata Vizinha, uma pequena floresta localizada ao norte de Bringth, e foi tão bem sucedida quanto possível, já que os trágicos acontecimentos dos últimos anos diminuíram a demanda por alimentos na região, enfraquecendo a agricultura e diminuindo a necessidade de novos desmatamentos.

Apesar da agradável noite que passou, Nítia viu-se novamente presa em pensamentos tensos. Estava ansiosa, pois este seria um dia no qual decisões importantes precisariam ser tomadas. O arcano Joukthups a havia chamado, e ela sabia que isso era sinal de que uma nova aventura estava por começar. O convite não era uma novidade, mas o interlocutor sim. Talvez fosse um assunto verdadeiramente sério.

__Irresponsáveis! – disse irritada em élfico. – No que vão me meter dessa vez?! – No ano anterior haviam arrastado-a até as ruínas de Gorlab, em busca de um tesouro. A infrutífera busca quase resultou na morte de amigos, após o ataque de uma dúzia de ladrões, que foram salvos pelas curas feitas pela elfa. Desde então, ela tem recusado novas aventuras e o grupo permaneceu em Bringth, por ser muito perigoso ir a campo sem um druida ou um clérigo para curá-los. Apesar de manter-se firme em sua decisão, Nítia resolveu encontrar-se com Joukthups em Bringth, porque foi poucas vezes à capital do condado após a última frustrante aventura.

Joukthups é um jovem arcano elfo que passou sua juventude com Nítia no Reino Élfico de Elista. Porém ele não nutria um amor pela natureza tão profundo quanto o de sua amiga. A princípio também viera a Dalrag para proteger a Mata Vizinha, mas mantinha-se em Bringth, pois lá tinha chance de manter seus estudos e praticar suas magias. Se comparado com Nítia era um elfo desordeiro e aventureiro, mas ainda assim era um dos mais sensatos daquele grupo.

__Aposto que vão querer ir a Laipem. – Nítia pensou em voz alta. De fato, esta sim seria uma incursão de grande irresponsabilidade. Laipem foi uma importante cidade de anões localizada nas Montanhas de Laypith, mas há 100 anos encontra-se abandonada após um ataque misterioso perpetrado por uma força maligna que aniquilou todos os seus

habitantes. Apenas algumas dezenas de mulheres e crianças sobreviveram, fugindo para Bringth enquanto os demais lutavam. Depois dessa data, ninguém retornou daquelas montanhas, nem mesmo uma expedição de valorosos anões, que tentava descobrir o que aconteceu a seus antepassados.

Esses acontecimentos eram conhecidos em toda Dalrag e marcou o início da decadência do condado. Os responsáveis eram desconhecidos, mas teorias populares logo surgiram. Alguns afirmam que os anões despertaram criaturas malignas em suas escavações, mas a maioria atribuía o ocorrido à Suineg, que se vingava de forma misteriosa, mesmo em cativeiro. Os arcanos de Bringth garantiam ser impossível uma ação do arcano, já que ele estaria aprisionado em seu castelo há dezenas de anos e raríssimos humanos viveram mais de 100 anos.

Nítia caminhava lentamente em direção a cidade, já que não tinha pressa em conhecer a nova aventura mirabolante, quando de repente um pensamento conclusivo veio a sua mente – Cem anos! Exatos cem anos! – repetiu. Dessa vez não estava preocupada com sua idade ou fim da puberdade. Era um pensamento óbvio e consternador que não a encontrou na paz que viveu os últimos dias: a semana anterior marcou o centenário dos acontecimentos trágicos em Laipem e também o quinquagésimo aniversário da destruição de Gorlab, uma cidade portuária que também fora misteriosamente atacada. Atualmente ela encontra-se em ruínas, habitada por criaturas e pessoas de índole duvidosa. Gorlab era um importante ponto de escoamento dos produtos produzidos em Bringth e dos minérios escavados em Laipem e não foi atacada apenas por obscuras criaturas, mas também pela natureza. Durante sete dias seguidos o Grande Mar arrasou a cidade com gigantescas ondas, levando casas e milhares de pessoas. Muitos fugiram para Bringth e dos que ficaram não mais do que 20 sobreviveram. Eles haviam se escondido na cidade e reapareceram em Bringth dois dias após o maremoto, mas apenas para contar uma terrível história: “Quando o mar finalmente acalmou, um exército de morto-vivos atacou a cidade e a todos escravizou”. Expedições foram mandadas ao local, mas os antigos habitantes jamais foram vistos e tampouco havia sinais das criaturas descritas pelos sobreviventes. Dentre as pessoas que se aventuraram em Gorlab estavam Nítia-Gandriel e seus amigos.

Os últimos acontecimentos fortaleciam as teorias de que alguma força visava desestabilizar o Condado de Dalrag. Para Nítia era mais provável que fossem os elfos-

negros, também conhecidos como drows, criaturas que agem de maneira oposta aos seus primos elfos, sendo malignas em essência e responsáveis pelo declínio do Reino Élfico de Elista e outros grandes feitos catastróficos. No entanto, Nitia também sabia que isso era improvável, visto que os drows foram derrotados pelos elfos, humanos e halflings centenas de anos atrás. Esses acontecimentos e pensamentos conflitantes levantaram a possibilidade de que Joukthups a convocara para um assunto importante.

Bringth era composta por humanos em sua maioria, mas também havia uma grande quantidade de elfos e anões coexistindo pacificamente. Não era uma cidade militarista e jamais fora atacada por qualquer força externa. Mesmo assim, possuía uma muralha com cerca de três metros de altura, construída por trabalhadores anões e humanos após a queda de Gorlab. Laipem era o principal sítio de mineração da região, mas por estar abandonado não havia matéria-prima suficiente para produzir um trabalho final digno das capacidades do povo anão. De qualquer maneira, era o melhor que se pôde construir em tão pouco tempo e com tão poucos recursos.

Aproximando-se da cidade notou que a guarda estava em estado de alerta, fazendo rondas ostensivas nas proximidades da muralha e próximo ao rio Angev que margeava a fronteira norte e nordeste. Os guardas estampavam uma tensão incomum que acovardou Nitia. Sim, por mais que ela não assumisse, coragem nunca foi uma de suas virtudes. Ao aproximar-se do portal fechado, ouviu uma voz ecoar lá de dentro:

__Quem vem lá? Identifique-se! – gritou um guarda do alto do muro, logo acima do portal de madeira.

__Sou Nitia-Gandriel, do povo dos elfos! Venho da Mata Vizinha. Posso amigos nessa cidade que esperam por mim! – houve um silêncio e com um súbito movimento uma pequena escotilha reforçada com barras de metal foi aberta no portal.

__Sinto pelo incômodo senhora. Queira aproximar-se. – disse um outro soldado que apareceu na escotilha aberta. Nitia aproximou-se e ele continuou. – Diga-me o nome de seus amigos e a deixaremos entrar.

__Possuo vários amigos nesta cidade, soldado, e de várias raças, mas venho a convite de Joukthups.

O soldado sorriu aliviado e com um grito ordenou que o portão fosse aberto. Assim que a elfa entrou na cidade ele continuou. – Você está sendo esperada. Nesses tempos, apenas aventureiros como vocês e mercadores com mantimentos são bem vindos!

__Aventureiros!?! Não sou uma aventureira! Sou responsável pela guarda e segurança da Mata Vizinha! – disse Nitia elegantemente, mas sem esconder sua irritação. O soldado não se espantou, afinal não era incomum a um elfo aventureiro assumir esse tipo de postura. Entrou na cidade a procura de Joukthups e o local mais óbvio para procurá-lo era em uma taverna. A Taverna Pousos do Norte sempre foi um bom local para os apreciadores de uma boa cerveja e de um conhaque forte. Joukthups passava boa parte do seu tempo livre naquele local, jogando cartas, irritando anões e fazendo alguns truques com suas magias. Seu hábito pouco cortês, se comparado com os demais elfos, aliado a sua fanfarronice e poderes arcanos o faziam ser um elfo elementar, que poderia ser confundido por um bardo, não fosse sua incapacidade de cantar e criar uma rima de qualidade.

Apesar dos inapropriados comportamentos de Joukthups, Nitia-Gandriel nutria um grande respeito por ele. O jovem elfo era dedicado aos estudos arcanos e possuía profundo dom para evocar magias poderosas. Passou por muitas provas no reino dos elfos, porque seu modo de vida não era bem aceito por seus mentores. No entanto, seu talento e dedicação às magias o fizeram superar as dificuldades e fora nomeado para ajudar Nitia-Gandriel, tida como sensata e centrada, a proteger a Mata Vizinha e a manter um olho observador sobre o condado de Dalrag.

Quando Nitia avistou a Taverna Pousos do Norte, atentou-se para o horário. O sol mal havia nascido e era cedo para se estar bebendo em uma taverna, até mesmo para o elfo Joukthups. Mesmo assim resolveu entrar, porque não se recorda de ter visto o local tão silencioso. Pela manhã o fragor dos clientes era substituído pela limpeza do local.

Deparou-se com Murin, o estalajadeiro que comandava alguns poucos empregados.

__Bom dia. – disse Nitia, com uma suave reverência. – Estou à procura de Joukthups e seus amigos.

__Ah! – lembrou-se o humano barrigudo, limpando o suor da testa e analisando a elfa. – Você deve ser a elfa que todos estão esperando. Joukthups e todos seus amigos estão lhe esperando em um dos quartos do andar de cima. Parece que você ficou de aparecer ontem, não é? Queriam partir logo hoje, para a missão.

__Hoje? – disse a elfa espantadamente. – Que missão? Ah! Pouco importa, não estou com pressa. Estou farta dessas aventuras.

__Mas essa é importante. Muito importante!

__Certamente. – interrompeu a elfa, sem interesse. – Joukthups está lá em cima com os demais?

__Não. Como a senhora não chegou, eles resolveram passar a noite cada um a sua maneira. Joukthups bebeu muito, mas mesmo assim acordou bastante cedo. Parecia ansioso. Disse que voltaria logo e pediu que você o esperasse caso aparecesse em sua ausência.

__Assim o farei. Mas onde posso sentar-me?

__Oh! Desculpe-me senhora! Arranje-lhe uma mesa limpa. – disse gesticulando aos empregados. – Gostaria de beber algo? Uma cerveja? Um vinho talvez?

__Apenas água, obrigada.

Enquanto aguardava pelo elfo ela se pôs a pensar sobre o que seria essa tão falada aventura. Lembrando do que Murin disse, mais uma vez sentiu que desta vez a aventura poderia ser grave. No entanto, para um estalajadeiro que ouvia tantas histórias, todas as aventuras pareciam sérias e inevitáveis. Pensou em falar com o humano, que já se ocupava novamente na limpeza da taverna, quando Joukthups apareceu pela porta. O elfo era um pouco menor do que Nitia e possuía uma constituição frágil. Mesmo seu longo e largo manto arcano azul não escondia sua falta de músculos e magreza, era notório que era mais fraco que sua amiga de infância. Ele levava um cajado velho de madeira, com um pingente azul claro na ponta. Portava também um anel élfico encantado, essencial para o uso de magias mais fortes. Trazia uma pequena sacola nas costas, que aparentava levar seu estoque de fumo. O elfo possuía um vício pelo tabaco, especialmente por aqueles cultivados pelos halflings de Selima. Ao ver a elfa fez uma longa reverência e disse:

__Olá amiga! Acredito que esteja pronta para partirmos, não?

__Para onde? Acabo de chegar! – respondeu a elfa de maneira alegre ao rever seu amigo de infância. De fato, Joukthups era uma dos elfos mais irresponsáveis e irreverentes que conhecia. Apesar disso, era um arcano inteligente.

__Vive isolada na mata, por isso ainda não sabe o que aconteceu nos últimos dias. O fato é que o tempo urge!

__Seja claro Joukthups, e não critique a vida na floresta.

__Importa-se em conversar em élfico? – disse o arcano em voz mais baixa. Nitia concordou com a cabeça, ficando ainda mais ansiosa. Ele continuou na bela linguagem dos elfos, desta vez falando em alto e bom tom, já que sabia que Murin e seus empregados não sabiam essa língua milenar:

__Não sabes por qual data marcante passamos na semana passada?

__Temia que fosse esse o assunto. Então de fato, esta é uma aventura séria.

__Tão séria quanto a preocupação expressa em seu belo rosto. – respondeu uma voz em élfico, descendo as escadas. Nitia e Joukthups olharam sem espanto, pois conheciam o elfo que gostava de fazer esse tipo de comentários. Encostado na parede, com um sorriso maroto nos lábios e olhando diretamente para Nitia estava o elfo conhecido como Assiral. Ele fora treinado para viver na selva, sendo um guardião assim como Nitia, era especializado em táticas e perícias de combate, porém não possuía o domínio de magias. Com uma espada e arco longos, vestindo uma armadura de couro rígido e trazendo uma mochila carregada nas costas mantinha seu olhar em Nitia, uma de suas muitas paixões não correspondidas. Não era segredo que Assiral possuía mais interesse por belas humanas e elfas do que pelas florestas. Durante dezenas de anos o elfo aprendeu a dominar a arte da conquista e Nitia desviava o olhar, evitando incentivá-lo. Assiral era um belo elfo de estatura um pouco superior a de Nitia e físico avantajado em relação aos demais de sua raça. Originário do distante Reino de Simlaris, reino élfico a Nordeste de Dalrag, Assiral fez sua longa jornada até o Reino de Elista após o assassinato de sua antiga esposa, cerca de trinta anos atrás. Desde então tem vivido uma vida fanfarrona, hora em tavernas, hora como guia de mercadores e viajantes.

__De fato, como bem sabes Assiral, o assunto é sério e necessitaremos da ajuda de Nitia-Gandriel. – disse Joukthups em tom sério.

__Explique melhor. O que houve? – perguntou a elfa.

__Os medos de todos desta região estão se concretizando. – continuou Joukthups calmamente enquanto acendia seu cachimbo e esperava Assiral juntar-se a eles na mesa. Em tom ainda mais sério ele continuou. – Semana passada a Santa Água de Bringth desapareceu do palácio de Bringth.

Nítia não escondeu seu espanto e temor. A Santa Água de Bringth era um objeto encantado que protegia a cidade dos ataques de criaturas malignas. Reza a lenda, confirmada por escritas élficas, que milhares de anos atrás um humano chamado Bringth migrou com amigos e familiares da região hoje conhecida como Reino Central, atravessando as rochosas e inóspitas Montanhas de Laypith para enfim se instalar às margens do rio Angev fundando a atual cidade. Acredita-se que o feito fora possível graças à abençoada água que levava consigo, que mantinha o grupo disposto a marchar com pouco descanso, mantendo-os também seguros das aberrações que habitavam as montanhas. Por mais que os últimos anos tivessem sido trágicos para o Condado de Dalrag, a população sabia que podia vislumbrar uma melhora e sentir-se segura enquanto a Santa Água fosse mantida em segurança, protegendo-os de maiores catástrofes. De fato, ao contrário de Laipem e Gorlab, Bringth jamais fora palco de nenhuma grande batalha e nem teve sua imediações cercadas por um exército.

__Mas isso é uma péssima notícia! – disse Nítia.

__Especialmente com o crescente boato de morto-vivos em Laipem. – completou Assiral, agora também em tom sério. – Helios, o regente de Bringth, convocou aventureiros de todos os reinos, condados e províncias. Ele está oferecendo um prêmio a quem recuperar o objeto.

__De fato precisamos recuperá-lo. E não digo isso pelo prêmio! – enfatizou Nítia.

__Bom saber que pensa assim, amiga. – disse Joukthups. – Precisaremos de sua ajuda. Devemos partir ainda hoje.

__Mas para onde? Vocês sabem quem fez isso? – perguntou a elfa, já mostrando a falta de coragem em sua voz.

__Todos os olhos se voltam ao castelo de Suineg, mas não podemos entrar lá. – respondeu Joukthups.

__Helios sugeriu que fossemos até Laipem. – completou rapidamente Assiral.

__Laipem?! – respondeu Nítia – Novamente eu temia que vocês pensassem nesse lugar! Isso é um absurdo! Uma irresponsabilidade! Há 100 anos ninguém sai vivo de lá!

__Também considero um plano arriscado. – disse Joukthups, com mais calma. – Mas é impossível fazermos isso sem sua ajuda. Parece claro que há uma relação entre

Suineg e esses trágicos acontecimentos. Já que não podemos entrar no castelo, resta-nos apenas explorar Laipem, em busca de respostas.

__Por que não pedimos ajuda aos elfos de Elista? Eles viriam prontamente! – respondeu Nitia. – E os anões do Reino de Yurik?

__Helios não acredita ser hora de pedir ajuda aos vizinhos ainda. Ele vê tudo como um roubo, não havendo necessidade de trazer um exército para cá.

__Além do mais. – completou Assiral. – Um grupo comandado por elfos sábios e pacientes é o que precisamos para explorar as cavernas de Laipem. Teimosia e vontade ainda não foram suficientes.

__O que vocês precisam é de um par de braços fortes de um anão! – gritou uma voz grossa, em comum. Caminhando pesadamente, o anão Baraz-Bund vinha em direção ao grupo. Ele não conhecia a língua dos elfos, apenas algumas palavras, mas entendeu claramente: “Elfos (...) precisamos (...)” e, portanto seu comentário lhe pareceu muito apropriado. Baraz-Bund é um dos poucos sobreviventes de Laipem, era ainda bebê quando fugiu com sua tia até Bringth, e foi criado em Dalrag por humanos e com eles adquiriu os hábitos e votos comuns aos grandes cavaleiros. Jamais falta com a palavra, trata a todos, inclusive elfos, com cortesia e procura estar sempre combatendo o mal e fazendo o bem aos mais necessitados. Mesmo assim, em alguns momentos não consegue conter seu mal-humor e possui um grande orgulho de sua raça. Sua avareza e praticidade em ações e pensamento também eram características marcantes. Baraz-Bund era alto para um anão, possuía 1.40 metros, tinha ombros largos e musculosos, e ostentava uma barba branca limpa e bem cuidada com duas grandes tranças que desciam até a cintura. Usava um elmo aberto, vestia uma cota de malha, e levava uma grande mochila nas costas. Carregava um grande machado de batalha e um pequeno broquel em seu braço direito.

__Impressionante! – exclamou Nitia. – Não sabia que você sabia falar élfico, Baraz-Bund.

__Apenas uma palavra ou duas, linda senhora. – respondeu Baraz-Bund, curvando-se em cumprimento a elfa. Nitia não conhecia profundamente esse anão, mas admirava seu comportamento que contrastava os modos ríspidos de sua raça com a cortesia comum entre os cavaleiros do Reino Central. A voz do anão era sempre grossa, quase grotesca, em um

tom grave, parecendo brigar e intimidar ao invés de conversar. No entanto, o conteúdo era quase sempre amistoso.

O anão juntou-se aos demais e eles continuaram a conversar em tom mais baixo, agora na língua comum.

__Como eu dizia. – exclamou Joukthups. – Devemos partir à Laipem o quanto antes, pois cada dia perdido nesta cidade é um dia de risco desnecessário aos camponeses.

__Será como sempre sonhei, morrerei vingando a honra de meus antepassados. – disse Baraz-Bund.

__Não, ninguém morrerá! Se vamos até lá é porque temos chances de voltar, não é? – disse Nitia-Gandriel voltando-se para Joukthups em busca de apoio.

__Chances!?! Bela senhora. Meus antepassados foram dizimados como ovelhas! Milhares morreram lutando contra algo que até hoje desconhecemos. Mais chance possui um orc contra meu machado do que nós contra aquele lugar. – respondeu o anão batendo o cabo do machado no chão.

__Ambos têm razão. – continuou Joukthups tentando acalmar Nitia. – De fato a morte nos aguardará naquele lugar, porém é lógico que possuímos chances. Além do mais, é algo que precisa ser feito. Afirmo que não será apenas uma aventura.

__E quem nos auxiliará nesta empreitada? – perguntou Nitia.

__Pode contar com minha espada. – disse uma voz com um sotaque peculiar.

__E com minhas perícias. – completou outra voz jovial.

As vozes eram conhecidas, mas não vinham da escada como o ocorrido na chegada de Assiral e Baraz-Bund. O anão pôs-se de pé procurando, os elfos se entreolharam, misturando olhares assustados e um sorriso contido de quem sabia quais pessoas poderiam estar fazendo essas mal-criações. Surgindo de uma mesa próxima a eles, apareceram Baliak e Tsugio, dois peritos na arte da furtividade, sorrindo abertamente, satisfeitos por terem escutado boa parte da conversa sem o conhecimento dos demais.

Baliak é um meio-elfo com pouco mais de 1.70 metros, com físico ligeiramente frágil, mas agilidade e inteligência apuradas. Vestia uma armadura de couro escura e possuía uma longa capa que utilizava para esconder-se nas sombras. Trazia uma pequena espada embainhada e um arco longo nas costas. Ladino de profissão, Baliak possuía poderes arcanos, conhecendo algumas poucas magias que o auxiliavam em seu modo de

vida. Assim como muitos de sua raça, sofreu preconceitos tanto de elfos quanto de humanos, principalmente porque perdeu sua mãe no parto e seu pai, um elfo arcano, desapareceu após seguir para uma aventura. Apesar de possuir sangue elfo em suas veias, sua personalidade era mais semelhante a dos humanos, pois fora criado por Avitark, amigo de seu pai e um dos poucos humanos armeiros reconhecido na cidade. Foi alfabetizado e aprendeu alguns poucos poderes mágicos depois de muito frequentar o centro arcano. Após o falecimento de Avitark, Baliak viu-se obrigado a roubar para sobreviver e desde então manteve contato com guildas locais. Possuidor de uma personalidade forte, ele rouba apenas daqueles que julgava desfrutar riquezas não merecidas. Naquele momento o meio-elfo não sabia que em poucos dias aprenderia uma importante lição que lhe ensinaria o quanto esse julgamento pode ser relativo.

Tsuguio era um humano incapaz de esconder sua pátria, pois carregava as feições daqueles que nascem em sua região e que possuem olhos puxados e pele clara, quase que amarelada. A história pessoal de Tsuguio era desconhecida, mas suas armas, vestimentas e sotaque não escondiam o fato de que fora criado no Reino de Kujin localizado no extremo noroeste de Katzir.

O Reino de Kujin era repleto de mistérios e tragédias. Seus habitantes eram conhecidos como homens-do-norte, pois não existiam reinos pacíficos localizados mais ao norte. A origem desse povo era desconhecida e sua cultura também era única. Possuíam grande tradição militarista, onde todos os homens aprendiam a lutar com a espada, arco e até mesmo desarmados. Suas armas e língua eram diferentes de todos os povos de Katzir e geralmente são pessoas reclusas, controladas e disciplinadas. Cerca de mil anos atrás os primeiros homens-do-norte surgiram no extremo leste do Grande Reino, em uma região despovoada próximo as Montanhas de Kinoglia. Instalaram-se construindo cidades rapidamente e se multiplicando em velocidade espantosa. De forma pacífica criaram um reino independente organizado em feudos e regido por um rei. Por séculos lutaram contra as hordas de orcs que marchavam rumo ao sul. Naquele tempo, os invasores foram contidos graças a grande habilidade dos kujinianos no campo de batalha. Séculos de guerras se passaram, muralhas e castelos foram erguidos e destruídos até que os orcs conseguiram sobrepujar os homens-do-norte. Recentemente, o rei dos kujinianos fez um acordo de paz e aliança com os orcs, revoltando as demais raças livres de Katzir e permitindo o avanço das

hordas para o sul. Desde então, os homens-do-norte são mal vistos por quase todos os povos, sendo tratados com desprezo e má vontade.

Tsuguio vivenciou a aliança feita por seu antigo rei e quando perguntado de suas origens, dizia que fugiu para o sul, pois não concordava com a decisão tomada por seu rei. Ele era sempre muito reservado quando questionado de suas origens e para aumentar ainda mais o mistério, usava sempre uma faixa no rosto, escondendo sua face, justificando que esse era o costume de seu clã cujos votos não o permitiam mostra-la. Mesmo assim, seus olhos apertados e esticados, suas vestimentas, armas e sotaque não ocultavam sua origem. Como muitos de sua região, Tsuguio possui uma baixa estatura, sendo do mesmo tamanho de Baliak apesar de parecer mais forte do que o meio-elfo. A agilidade do homem-do-norte era insuperável e sua perícia com as armas venceria até mesmo grandes mestres e heróis. Ele carregava uma pequena sacola e possuía ainda alguns *Shirukens* em sua cintura, utilizados como dardos. Vestia uma armadura de couro rígido escura, portava um arco longo encontrado apenas em Kujin e uma espada longa encurvada, semelhante a uma cimitarra, e conhecida como *Katana*.

Gabando-se por terem conseguido escutar boa parte da conversa sem serem percebidos, a dupla pegou cadeiras e juntou-se aos demais à mesa.

__Seus moleques! – disse Nitia em tom irritado, mas sem esconder um pequeno sorriso. – Não precisavam nos espionar! Não falávamos nada que vocês não poderiam saber.

__Precisávamos praticar. – respondeu Tsuguio, olhando para Baliak.

__Eu ouvi muito bem um assunto sobre entrar em Laipem. – continuou Baliak. – Estou ansioso para encontrar algumas fortunas entre os destroços dos anões.

__Com sua cabeça desmiolada... – disse Baraz-Bund bruscamente. – Encontrará apenas a morte!

__Não comecem vocês dois! – interrompeu Joukthups. O elfo sabia da velha rixa entre o anão e o meio-elfo. O primeiro não concordava com a maneira suspeita com que o meio-elfo obtinha sua renda, o que apenas confirmava sua crença de que meio-elfos não mereciam confiança. – Nenhuma criatura híbrida merece confiança! – dizia o anão vergonhosamente, tentando ocultar o preconceito. Já Baliak sentia um grande prazer em irritar o anão, principalmente fazendo trocadilhos com a honra e orgulho que tanto

ostentava de sua raça. Piadas sobre sua barba também possuíam efeito muito rápido e eficiente. Joukthups continuou:

__Nitia, como você poderá perceber, o grupo está coeso no objetivo de explorar o labirinto. Cada um a sua maneira, logicamente.

Nitia sabia que se deixasse Joukthups falar acabaria sendo persuadida, como geralmente acontecia. Isso foi sempre assim, desde os tempos de criança. Ela permaneceu ainda decidida:

__Não entendo a relação entre os acontecimentos de Laipem e o roubo da Santa Água de Bringth. Não seria mais fácil se os arcanos interrogassem os habitantes da cidade? Afinal, estão tratando o caso como um roubo! É possível que alguma guilda tenha roubado isso só para provar que é capaz e assim conseguir novos clientes.

__Guilda? – questionou Baliak, irritado. – Garanto-lhe que não foi nenhuma das guildas! Não somos suicidas! Além do mais, se fosse o caso, eu seria contratado para tal! – continuou cutucando o anão.

__A elfa parece ter razão! – disse Baraz, ignorando Baliak. – É típico de um dessa laia.

__Não acredito que seja o caso. – respondeu Joukthups. – Por mais que Baliak não assuma, nenhuma das guildas locais conseguiria tal feito, pois são muitos guardas a serem despistados e muitas magias de proteção a serem dissipadas. Realmente, reflita por um minuto, minha cara. Você realmente acredita que os acontecimentos dos últimos cem anos e tudo que tem acontecido antes mesmo de nosso nascimento são mera coincidência?

O silêncio cobriu a sala, ouvia-se apenas o barulho dos empregados fazendo a limpeza do salão, todos se entreolhavam, mas observavam a elfa. Nitia-Gandriel sentiu-se pressionada e com medo dessa nova aventura, mas principalmente percebeu que Joukthups estava certo mais uma vez: era difícil acreditar em uma coincidência.

O silêncio novamente foi quebrado, passos indicavam que alguém descia as escadas. Era Maliha, uma moça de estatura semelhante à Baliak que não aparentava possuir grandes vaidades ou mesmo beleza. Sua pele era branca, como se raramente tivesse contato com o sol, seus cabelos eram escuros e os olhos eram negros, vívidos e amendoados. Carregava uma fisionomia sombria e pouco convidativa que contrastava com um sorriso jovial estampado em sua face. Ela trazia um escudo médio pendurado nas costas e uma maça de

guerra na mão direita, portava ainda uma pequena mochila e vestia uma armadura de couro rígido nos braços e pernas e no tronco usava uma placa de metal que possuía símbolos incrustados que reverenciavam nitidamente deuses da vida e da morte. Em seu peito ostentava um crucifixo cuja ponta superior era circular e mostrava a imagem de uma caveira no centro. Estes símbolos eram portados apenas pelos adoradores de Mowendrus, divindade admirada por poucos e temidas por muitos.

Maliha era originária de Bringth, mas deixou cedo a cidade após uma série de misteriosos acontecimentos. Quando criança sofria de sonambulismo e acordava tendo desenhado vários símbolos desconhecidos a sua volta. Estes eventos tornaram-se mais freqüentes e seu caso foi levado aos arcanos da cidade que reconheceram os símbolos de Mowendrus. A notícia logo se espalhou e seus pais sofreram medo e vergonha ao saberem que sua filha possuía relação com um deus da morte e por isso ofereceram pouca resistência quando figuras estranhas, vestidas com mantos negros, levaram a criança ao monastério de Mowendrus. Lá, Maliha aprendeu a controlar o sonambulismo e descobriu a missão que sua divindade tinha lhe guardado. Ela também aprimorou suas habilidades de combate e mágicas de seu Deus e há pouco tempo, ao pressentir a morte de seus pais, retornou a sua terra natal. Chegou a tempo apenas de chorar e providenciar uma morte menos dolorosa. Culpando-se por chegar tarde demais preferiu não voltar ao monastério, pois segundo ela “Lá eles estão mais preocupados com a caveira do que com a cruz.”. Desde então ela tem vivido com o grupo, já tendo superado o luto. Maliha possui enorme poder, mas uma mentalidade, humor e disposição de uma jovem e meiga humana, o que a torna única na maneira que concilia sua religião, poderes e modo de ser.

__ Vocês não estão pensando em partir sem mim, não é? Não seriam loucos! – Disse Maliha sorrindo meigamente.

__ Certamente não! – disse Assiral reverenciando e disponibilizando uma cadeira para a humana.

__ Você não está jovem demais para Laipem, Maliha? – disse Nitia, já desistindo de convencer seus amigos a não seguir nessa aventura. – Não é um risco desnecessário?

__ Não se preocupe, senhora Nitia-Gandriel. – disse Maliha mantendo um sorriso. – Não morrerei nessa aventura, nem a senhora, porém não posso dizer o mesmo de todos aqui.

Mais uma vez o silêncio tomou o ambiente. Apesar de jovem, Maliha era respeitada por suas clarividências. O silêncio foi rapidamente quebrado por pesados e apressados passos que desciam as escadas. Duas enormes figuras humanas apresentaram-se ao grupo, eram Arthins e Lariata.

Arthins era um humano de ombros largos, corpo musculoso e estatura imponente, possuía uma placa de metal no peito e um colar simbolizando a nobreza do Reino Central, localizado ao norte do condado de Dalrag. Ele também usava uma armadura de couro rígido nos braços e pernas e um grande coturno de couro. Não usava um elmo, pois preferia manter solto ao vento seus longos cabelos ondulados. Sua barba estava quase sempre por fazer, pois em sua opinião era assim que um aventureiro deveria aparentar. Em suas costas havia uma pequena mochila e apoiou nos ombros um enorme martelo de guerra com ponta chata dupla, pesando nada menos do que dez quilos. Homem de humor instável e olhar penetrante e desconfortável, Arthins parecia estar feliz apenas quando sentia que as aventuras e buscas levavam-no a demonstrar suas capacidades físicas e de combate. Ele ansiava por poder e não escondia isso. Afirmava possuir uma origem nobre, mas não tinha grandes chances de herdar um bom território no Reino Central, e por isso buscou a vida de aventureiro, testando a sorte e procurando fortunas fáceis.

Com ele vinha Lariata, uma humana de força e físico semelhantes à de Arthins sendo bastante musculosa. Seus traços femininos eram imperceptíveis, se comparado com os de Nitia, mas estavam lá, ocultados por um humor áspero e uma feição pouco amigável. Seus olhos eram castanhos, avermelhados, seus braços e pernas fortes como de um grande guerreiro humano. Apesar de ser ruiva, possuía uma pele de tom escuro rosada mais adaptada ao sol forte e mantinha seus longos cabelos preso por tranças, que desciam na parte de trás de seu elmo aberto. Possuía grande estatura, sendo maior do que Nitia, e caminhava com facilidade apesar de todo peso de sua armadura e equipamento. Possuía uma armadura de metal completa e usava uma espada de duas mãos, eram posses caras geralmente usadas por aventureiros bem-sucedidos. Nas costas trazia ainda uma pequena mochila e no braço direito um pequeno broquel de metal. Sua voz grossa e modo prático e ríspido indicavam que não fora criada entre humanos, que educavam suas mulheres a terem um comportamento bem diferente. Lariata também nasceu no Reino Central, em uma região próxima a instável fronteira com Flacherrasque. Perdeu seus pais ainda quando

criança e foi educada pelos anões do Reino de Yurik, vivendo no sopé da cordilheira oeste das montanhas de Laypith. Para evitar o preconceito e maus-tratos aprendeu cedo a se defender, aprimorando suas capacidades físicas e equiparando-se ao dos grandes anões de sua cidade. Recentemente recebeu a missão de buscar novas informações sobre o Labirinto de Laipem, visto que os anões não se conformavam com a morte de seus parentes, e uniu-se ao grupo na esperança de aventurar-se no labirinto.

__Bom dia. – disse Arthins a todos.

__Espero que não saiam para se divertir sem nós! – completou Lariata, permanecendo de pé junto a Arthins, já que não havia espaço na mesa para se juntarem ao grupo.

__Não estamos saindo ainda, estamos esperando nossa amiga elfa criar coragem! – disse Baliak, provocando Nitia.

__Não estou com medo! – respondeu a elfa.

__Pois você deveria ter medo, Baliak! – continuou Baraz-Bund. – Seus métodos e excesso de confiança apenas nos colocarão em perigo!

__Já disse para não começarem! – interrompeu Joukthups. – Calem-se ou irei transformá-los em algo repugnante! – Tendo sido respeitado, continuou a falar em tom mais calmo em direção a Nitia – Sei que estamos lhe pressionando, mas afirmo que não a convidaria para a morte certa. Todos aqui iremos de uma maneira ou outra, mas sem sua ajuda nosso fracasso é iminente, além do mais, não faremos isso para proveito próprio. O povo dessa região precisa de pessoas corajosas como nós!

Nitia estava em conflito, de um lado sentia a necessidade de ajudar seus amigos e a região em que vivia, de outro sentia um medo horrendo, como um anúncio de que algo horrível os aguardava naquele labirinto. Ela sentia-se assim com frequência, mas nunca como agora. Para aumentar a pressão ela era observada por oito pares de olhos, a maioria jovem sedentos por uma aventura. Um pensamento lhe veio à mente, o mesmo que teve logo que acordou. Irresponsáveis! Disse a si mesma, mas sem verbalizar ao grupo. Eles pareciam decididos a seguir na empreitada. Estavam todos com suas melhores armas e armaduras, com mochilas, sacolas e ânimo para enfrentar o desconhecido. Nitia sabia que eles seguiriam a empreitada mesmo que ela não fosse. Sentiu-se assim obrigada a

acompanhá-los, pois não iria se conformar se eles morressem por sua omissão. Respirou fundo e disse em voz alta:

__Está bem. Está bem! Irei com vocês! Não me perdoarei se morrerem sem que eu esteja lá para ajudar.

__Ahá! – disse Baraz-Bund batendo contentemente na mesa. – O que estamos esperando? Meu machado já está afiado!

Os amigos se cumprimentaram e apoiaram Nitia, uns por saberem que essa decisão lhe foi muito difícil, outros pelo fato de que necessitavam de alguém com poderes de cura para essa empreitada. Rapidamente conseguiram provisões e os equipamentos que faltavam para a elfa.

Quando trabalhavam em conjunto, os nove aventureiros poderiam ser páreos até mesmo para pequenas tropas e isso encorajava a elfa. Ao todo eram quatro peritos em combate, três usuários de magia, um ladrão e um ranger. Trabalhando com coesão poderiam ser bem sucedidos.